

Ficha Técnica

Título

LUSOCONF2021
III Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas: livro de atas

Editores

Carlos Teixeira	Instituto Politécnico de Bragança
Vitor Gonçalves	Instituto Politécnico de Bragança
Paula Odete Fernandes	Instituto Politécnico de Bragança
Carla Sofia Araújo	Instituto Politécnico de Bragança

Capa

António Meireles e Vitor Gonçalves

Edição

Instituto Politécnico de Bragança
Campus de Santa Apolónia
5300-253 Bragança
Portugal

Data de edição: setembro de 2022

ISBN: 978-972-745-295-8

DOI: 10.34620/lusoconf.2021

Handle: <http://hdl.handle.net/10198/25130>

URL: www.lusoconf.ipb.pt

Email: lusoconf@ipb.pt

Moors and Christians: from the reconquered Iberia to the christianisation of the new world.....	313
O olhar nostálgico do (não) Retorno, de Dulce Maria Cardoso	321
The nostalgic look of the (non) Return, by Dulce Maria Cardoso	321
Recursos didáticos na aprendizagem do conhecimento do mundo	328
Didactic resources in learning of the world knowledge.....	328
A cidadania está na escola!.....	339
Citizenship is in school!.....	339
Doença de Parkinson: estudo epidemiológico de diagnósticos ativos no distrito de Bragança	351
Parkinson's disease: epidemiological study of active diagnoses in the district of Bragança	351
Análise do sistema de ensino brasileiro e português na sociedade do conhecimento	357
Analysis of the Brazilian and Portuguese education system in the knowledge society.....	357
Que farei com este texto? – a poesia no 1.º ciclo do ensino básico.....	365
What shall I do with this text? – poetry at elementary school.....	365
Que farei com estes livros? – propostas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	372
What shall I do with these books? – pedagogical proposals for elementary school.....	372
<i>Olifaque -uma farsa em emigres-</i> reflexões à volta da portugalidade.....	380
<i>Olifaque -uma farsa em emigrês-</i> reflections about portugality	380
O mundo de expressão portuguesa no Festival de Cinema de Avanca: encontro de mundos.....	387
The Portuguese-speaking world at the Avanca Film Festival: gathering of worlds	387

Comissão Científica

Adília da Silva Fernandes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Albert Wall	Universidade de Zurique, Suíça
Albino Bento	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Alcina Maria Nunes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Alexandra Soares Rodrigues	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Amélia Polónia	Universidade do Porto, Portugal
Amílcar Teixeira	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Ana Maria Brito	Universidade do Porto, Portugal
Ana Maria Martinho	Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Ana Paula Monte	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Ana Sofia Cardim	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
António Borges Fernandes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
António Domingos Abreu	Reserva Biosfera Ilha do Príncipe, São Tomé e Príncipe
António Meireles	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Artur Gonçalves	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Augusto Soares da Silva	Universidade Católica Portuguesa, Portugal
Betina Lopes	Universidade de Aveiro, Portugal
Bruno Sousa	Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, Portugal
Carla Araújo	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Carla Guerreiro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Carlos Teixeira	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Carlos Casimiro da Costa	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Catarina Martins	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Cláudia Costa	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Cristina Flores	Universidade do Minho, Portugal
Cristina Martins	Universidade de Coimbra, Portugal
Cristina Mesquita	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Elsa Esteves	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Emília Nogueiro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Fernanda Amélia Ferreira	Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Fernando José Fraga Azevedo	Universidade do Minho, Portugal
Fernando Ramallo	Universidade de Vigo, Espanha
Francisco Paiva	Universidade da Beira Interior, Portugal
Francisco Topa	Universidade do Porto, Portugal
Graça Rio-Torto	Universidade de Coimbra, Portugal
Graça Santos	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Isabel Aires de Matos	Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Isabel Margarida Duarte	Universidade do Porto, Portugal
João Cunha	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
João Paulo Madeira	Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde
João Veloso	Universidade do Porto, Portugal
Joaquim Mendes Leite	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Jorge Manuel Alves	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
José António Brandão	Universidade do Minho, Portugal
José Pires Laranjeira	Universidade de Coimbra, Portugal
José Teixeira	Universidade do Minho, Portugal
Lídia Santos	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Luciana Pereira da Silva	Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Luísa Lopes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Manuel Ângelo Rodrigues	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Manuel Célio Conceição	Universidade do Algarve, Portugal
Manuel Fonseca	Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal
Manuel Moreira da Silva	ISCAP - Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Marcos Sorrentino	Universidade de São Paulo, Brasil
Maria Antónia Mota	Universidade de Lisboa, Portugal
Maria Augusta Mata	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Maria da Conceição Nunes	Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Maria José Gonçalves Alves	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Maria José Rodrigues	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Marília A. Torales Campos	Universidade Federal do Paraná, Brasil
Mário Cardoso	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Mário Viaro	Universidade de São Paulo, Brasil
Olga Santos	Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
Otília Sousa	Instituto Politécnico de Lisboa, Portugal
Paula Odete Fernandes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Paulo Castro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Paulo Mafra	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Pedro Couceiro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Pedro Manuel Nunes	Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, Portugal
Pilar Gutiez Cuevas	Universidad Complutense de Madrid, Espanha
Ricardo Alexandre Correia	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Ricardo Jorge Correia	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Rómima Laranjeira	Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, Brasil
Rui Pereira	Universidade de Coimbra, Portugal
Sandra Tapadas	Universidade de Lisboa, Portugal
Sílvia Melo-Pfeifer	Universidade de Hamburgo, Alemanha
Sofia Bergano	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Sónia Nogueira	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Vitor Barrigão Gonçalves	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Comissão Organizadora

Coordenação:

Carlos Teixeira	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Dina Macias	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Eduardo Alves	Câmara Municipal de Bragança, Portugal
Fernanda Silva	Câmara Municipal de Bragança, Portugal
Paula Odete Fernandes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Vitor Barrigão Gonçalves	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Membros:

Adília Fernandes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Alexandra Soares Rodrigues	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Amílcar Teixeira	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Ana Paula Monte	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
António Meireles	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Armindo Rodrigues	Câmara Municipal de Bragança, Portugal
Carla Guerreiro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Carla Araújo	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Catarina Martins	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Cecília Falcão	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Fátima Martins	Câmara Municipal de Bragança, Portugal
Helena Genésio	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Isabel Castro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Jacinta Costa	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
João Pontífice	Universidade de São Tomé e Príncipe, São Tomé e Príncipe
Lídia dos Santos	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Luciana Pereira da Silva	Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Manuel Coelho da Silva	Fundação Jorge Álvares, Portugal
Maria José Rodrigues	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Pedro Couceiro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Pedro Oliveira	Université Jean Monnet, França

Programa Geral do LUSOCONF2021

14 de outubro de 2021 (quinta-feira)

- 8:30 **Abertura do secretariado**
- 9:00 **Momento musical**
- 9:10 **Sessão de abertura**
Isabel Guterres, Embaixadora da República Democrática de Timor-Leste em Lisboa
Orlando Rodrigues, Presidente do Instituto Politécnico de Bragança
Hernâni Dias, Presidente da Câmara Municipal de Bragança
Carlos Teixeira, Diretor da Escola Superior de Educação do IPB
- 10:00 **Conferência plenária - Será que deixámos de comer vogais em Portugal?**
João Veloso (U. Porto)
Moderadora: Carla Araújo (IPB)
- 11:00 **Intervalo**
- 11:30 **Sessões paralelas (Sessões presenciais e online)**
- 11:30 **Sessão de posters (Sessões presenciais e online)**
- 13:00 **Almoço (livre)**
- 14:30 **Conferência plenária - Opinião pública portuguesa sobre a China: questões comerciais e geopolíticas (Videoconferência Auditório)**
José Pedro Teixeira Fernandes (ISCET; IPRI-NOVAU)
Moderadora: Alcina Maria Nunes (IPB)
- 15:30 **Conferência plenária - Música (ainda) uma Arma do Futuro? O poder da palavra na Música**
Selma Uamusse (Cantora)
Moderadora: Helena Genésio (IPB)
- 16:30 **Intervalo**
- 17:00 **Sessões paralelas (Sessões presenciais e online)**
- 18:30 **Encerramento dos trabalhos (1.º dia)**
- 20:00 **Jantar do Encontro**

15 de outubro de 2021 (sexta-feira)

- 9:00 **Abertura do secretariado**
- 9:30 **Mesa Redonda: Saúde, alimentação e desenvolvimento no mundo lusófono**
Fátima Pinto Correia, Administradora das Termas de Chaves, Chaves
José M. Calheiros, I3ID – Instituto de Investigação, Inovação e Desenvolvimento & Universidade Fernando Pessoa, Porto
Augusto Manuel Correia, Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa
Carlos Aguiar, Instituto Politécnico de Bragança
Moderadora: Augusta Mata (IPB)
- 11:00 **Intervalo**
- 11:30 **Sessões paralelas (Sessões presenciais e online)**
- 13:00 **Almoço (Cantina do IPB: “Ementa da Lusofonia”)**
- 15:00 **Conferência plenária - As origens históricas do racismo estrutural na sociedade portuguesa**
Fernando Rosas (Universidade Nova de Lisboa)
Moderador: Pedro Couceiro (IPB)
- 16:30 **Conferência plenária - Apneia**
Valter Hugo Mãe (Escritor)
Moderadora: Carla Guerreiro (IPB)

Olifaque -uma farsa em emigres- reflexões à volta da portugalidade

Olifaque -uma farsa em emigrês- reflections about portugality

Carla do E. Santo Guerreiro^{1,2}  [0000-0002-8244-6238]

carlaguerreiro@ipb.pt

¹Instituto Politécnico de Bragança, Portugal.

²Instituto de Estudos em Literatura e Tradição - Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

Resumo. Pretendemos refletir sobre a portugalidade evidenciada na obra literária: *Olifaque- uma farsa em emigrês*, da autoria do cientista e escritor João Magueijo, escrita com base na sua experiência de vida no Canadá, tendo aí vivido de 2005 a 2007. A narrativa é grafada segundo a “língua” que ouviu e falou na comunidade portuguesa a residir neste país. Debruçar-nos-emos sobre a língua falada pela comunidade portuguesa radicada no Canadá e de como os falantes lusos aportuguesam o inglês que lhes chega pela via oral. Na nossa reflexão, ancoramo-nos teoricamente em Eduardo Mayone Dias, professor, investigador, pedagogo, filólogo, estudioso da literatura e “cronista da América”, um dos nomes mais prestigiados no mundo das letras da diáspora portuguesa na América do Norte, que usa o termo “emigrês” para definir uma língua franca estabelecida que ninguém estuda. Basear-nos-emos na obra: *Falares emigreses-uma abordagem ao seu estudo*, em que descreve e reflete sobre o curioso e diversificado mundo linguístico dos portugueses na diáspora. *Olifaque* apresenta através de uma galeria de personagens unidas por uma cultura e uma língua comum -o “portinglês”, o pulsar da vida de uma comunidade portuguesa canadiana. Nas 250 páginas deste romance, encontraremos uma narrativa cujas personagens revelam laivos de racismo, xenofobia e sexismo, denominada pelo próprio autor como “farsa”, que nos leva, como leitores, a perguntar se Gil Vicente terá sentido as mesmas reações aquando da representação das suas peças no Portugal quinhentista, também elas caracterizadas pelas expressões populares próprias dos portugueses dessa época. Se o dramaturgo se apropriou do modo como se falava na altura, o mesmo faz o cientista e escritor João Magueijo, nesta “fotografia”, feita com requintes de humor, dos nossos compatriotas que vivem no Canadá, uma comunidade que conhece bem, certamente, pensamos nós, por lá ter convivido com muitas das personagens deste *Olifaque*.

Palavras-Chave: Diáspora, Portugalidade, Diversidade cultural, “Portinglês”.

Abstract. Based on the reading and analysis of the literary work: *Olifaque- uma farsa em emigrês*, by the scientist and writer João Magueijo, we intend to reflect on the experience of “Portugality” abroad, specifically in Canada. The narrative is written according to the “language” that the author heard and spoke in the Portuguese community living in this country, having lived there from 2005 to 2007. We will focus on some specific cultural and linguistic points, highlighted by the author in the construction of the characters and intrigue of the novel. In our theoretical reflection, we based ourselves in the researcher Eduardo Mayone Dias, professor, pedagogue, philologist, literary scholar and “chronicler of America”, one of the most prestigious names in the world of letters of the Portuguese dispersion in North America, who uses the term “emigrês” to define an established lingua franca that no one studies. We will base ourselves on the work: *Falares emigreses-uma abordagem ao seu estudo*, in which he describes and reflects on the curious and diversified linguistic world of the portuguese people abroad, dealing with special attention the case of the Portuguese community established in Canada. We will show how, through this novel, Magueijo builds a narrative whose characters reveal traces of racism, xenophobia, and sexism, called by the author himself as “farce”, which leads us as readers to ask whether

Gil Vicente felt the same reactions when representing his plays in 16th-century Portugal, also characterized by popular expressions typical of the Portuguese at that time. If the playwright appropriated the way it was spoken at the time, so does the scientist and writer João Magueijo, in this "portrait", made with exquisite humor, of our compatriots who live in Canada, a community that he certainly knows well, we think, for having lived there with many of the characters of this *Olifaque*.

Keywords: Emigration, Portugal, Cultural diversity, "Portinglês".

1 A diáspora portuguesa- breve caracterização

As comunidades portuguesas dispersas pelo mundo ofereceram, durante décadas um claro caráter de homogeneidade no que respeitava ao seu estilo de vida e à sua interação com a população dos países de acolhimento. Provindos em grande parte de espaços rurais e com frequência dotados apenas de uma escolaridade rudimentar, os portugueses que constituíram as primeiras vagas migratórias, só se adaptaram muito penosamente à vida nas zonas urbanas, onde se estabeleceram, na maioria dos casos. De modo geral, o emigrante português projeta a imagem de um trabalhador bem conciliado com a sua inserção nos escalões mais baixos da hierarquia laboral, cumpridor, eficiente, honesto, ordeiro e submisso. Nas palavras de Mayone Dias:

O apego à família, o apoliticismo, o conservadorismo e um fundo sentido religioso emergem como características francamente distintivas do seu comportamento social. Ainda que indiferente em larga escala aos movimentos sociais ou culturais do país receptor, sabe enquadrar-se com êxito nos setores laborais onde a sua presença se torna mais necessária e rentável e em muitos casos adquire com espantosa facilidade conhecimentos tecnológicos relativamente avançados. (Mayone Dias, 1989, p.14).

A natureza da experiência emigrante em cada uma das zonas de fixação contribui grandemente, para determinar as vertentes do falar do respetivo grupo. A preferência por zonas rurais ou urbanas, o tipo de comunicação com a população nativa, a concentração ou dispersão do grupo, a frequência do seu contacto com Portugal, a acessibilidade a material informativo em português e o grau de semelhança da língua nativa do emigrante com a do país de acolhimento constituem fatores de importância para a criação e desenvolvimento das variantes linguísticas da comunidade emigrante. Uma descrição sintética das coordenadas vivenciais de cada uma das principais zonas de emigração portuguesa contribuirá para uma melhor compreensão do caráter específico de cada um dos falares emigreses.

Em jeito de síntese, os principais destinos migratórios portugueses têm sido: África do Sul, Alemanha, Argentina, Austrália, Bélgica, Bermudas, Espanha, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Holanda, Luxemburgo, Suíça, Venezuela e Canadá. (Mayone Dias, 1989, pp.15-49). Deter-nos-emos neste último país, porque serve de cenário à ação da obra literária escolhida: *Olifaque, uma farsa em emigrês*. Apesar da esporádica fixação de portugueses já desde o séc. XVII, foi apenas a partir de 1953 que se começou a verificar uma emigração significativa para o Canadá. Mediante um acordo entre o governo português e o canadense, esta emigração processou-se de uma forma sistemática, com o embarque de levadas de emigrantes, muitos deles açorianos, para trabalhos de manutenção de linhas de caminhos de ferro e de agricultura em zonas isoladas. "Nesta época, as condições laborais eram extremamente desfavoráveis. Durante o verão, os emigrantes trabalhavam muitas vezes das seis da manhã às dez/onze da noite por 60 dólares mensais, além de casa e mesa (...)" (Mayone Dias, 1989, p.28). A deficiência das condições de trabalho, no meio rural canadense levou gradualmente a uma transferência em massa para as zonas urbanas. Relativamente aos que se decidiram por Toronto, a cidade onde decorre a ação de *Olifaque*, a maior parte dos portugueses aí radicados ocupa-se na construção civil e no trabalho fabril.

2 A obra de João Magueixo *Olifaque-uma farsa em emigrês* e a essência da “portugalidade”

O emigrês usado neste livro deverá ser inteligível para qualquer português conhecedor de inglês básico. Não vá o diabo tecê-las inclui-se um glossário no fim. Lembramos que o emigrês, como muitas línguas francas, se recusa a ser consistente. (Magueijo, 2017, p.7).

Todos os termos no glossário que se segue foram ouvidos pelo autor, e grafados segundo a sua percepção” (Magueijo, 2017, p.261).

A narrativa, constituída por trinta e cinco capítulos (todos eles com títulos) é contada em primeira pessoa por uma voz que só se identifica com um nome no último capítulo (o 35.º), como sendo João Joaquim, natural de Argivai (Póvoa de Varzim) e emigrado em Toronto há já largos anos. Esta voz narrativa apresenta-nos, ao longo da obra, as aventuras e desventuras dos indivíduos que integram uma comunidade emigrante no Canadá.

As personagens desta “farsa”, como o próprio autor a caracteriza são apenas identificadas por alcunhas, à boa maneira portuguesa, com a exceção de algumas femininas. Assim nomes como: Páscoa Feliz, Cheira a Mijo, Zé Colhão, Quim das Mulas, Palha d’Aço, Pevide, Rijo, Perna de Pau, Malhão, Doutor (personagem que facilmente identificamos com o autor João Magueijo) e Cangrua (adulteração de cangurú fêmea- companheira de João, de naturalidade australiana) protagonizam as múltiplas histórias narradas. No entanto, no capítulo trinta e quatro, à laia de “uma pausa na narrativa”, o autor sente necessidade de se demarcar da história contada, pelas naturais similitudes entre a personagem Doutor e ele próprio: “Ensinava-se na escola que o narrador não é o autor, e de modo semelhante o autor deste livro não sou eu (...) Mas as ligeiras parecenças existem, não há como negá-lo, e daí esta rude intrusão, contra o melhor gosto literário”. (Magueijo, 2017, p. 231).

É ainda neste capítulo que o autor explica as circunstâncias em que se deu a sua ida para o Canadá e o modo profundo como as suas vivências neste país marcaram a sua vida e lhe proporcionaram o “material de escrita” para este livro, que pelas suas palavras podemos depreender que é marcadamente autobiográfico.

Em Setembro de 2005 fui viver para o Canadá, cativado pela miragem de um paraíso académico em construção. As utopias têm o hábito de se perverter e converter em pesadelos, e dois anos depois voltei para Londres. (...) Quando regresssei do Canadá não me consegui reajustar a Inglaterra. Abateu-se sobre mim o lendário choque cultural-em-reverso, um tanto de estranhar num rafeiro nato como eu. (...) Mas o pior foram as saudades com que fiquei da comunidade lusa de Toronto. Até aí nunca tinha pertencido a lado nenhum (...) E, no entanto, incongruentemente, nesses anos de Toronto, pertenci, sem aspas. Fiz parte daquela enorme comunidade cheia de tragédias e intrigas, mas também de afetos e de carinhos, encontros em bares de má nota depois do trabalho, carros que nos passam à porta e apitam olá, amigos que nos vêm desassossegar a altas horas, a casa, sem avisar e exigir chouriço assado, corriqueirices que fazem com que uma pessoa se sinta incluída”. (Magueijo, 2017, pp. 231-233).

É neste capítulo, quase no final do livro, em que o autor faz uma pausa na narrativa, que ele reflete sobre ter sido neste país norte americano que ele descobriu a mais genuína vivência da portugalidade, entendida como um conjunto de traços considerados distintivos da cultura e história de Portugal e um verdadeiro sentimento de afinidade ou de amor por Portugal, sentido pelos portugueses da diáspora, nomeadamente pelos residentes em terras canadianas.

Esse tal caldinho verde sempre à espera fui desencantá-lo num cú de Judas da cultura nacional ainda mais revanchista que a mais remota aldeia em terra pátria, onde as águas-pés mais arcaicas são religiosamente preservadas nos “gorazes”, isto numa metrópole com mais de seis milhões de pessoas. Nesses anos em que vivi em Toronto fui uma pessoa diferente e a Cangrua também. (...) Ficou-me desses anos um apego desmesurado à

comunidade de Toronto e o mais parolo coração de emigrante. (Magueijo, 2017, pp. 233-234).

É também neste capítulo, que funciona como uma dissertação sobre a portugalidade e a condição de emigrante, que o autor revela o profundo desprezo que sente pelos funcionários burocráticos do estado e todos os que se sentem superiores àqueles que supostamente devem representar e defender, os portugueses emigrados e, simultaneamente, manifesta a profunda estima e até admiração que sente por estes últimos.

O que mais me transtorna em Portugal é o sentimento de superioridade que uma certa classe se concede, a medalha de ouro auto-outorgada, mesmo que na realidade são apenas os melhores da rua (...). Os emigrantes do emigrês, assim como as personagens fictícias deste livro, são todos gente que fugiu de um grande trauma, às vezes apenas ligado à pobreza, quase sempre bem pior. Mas são pessoas que tiveram a coragem de abraçar o mundo largo, sair da aldeia e florescer. Dou-lhes infinitamente mais crédito do que muitas das nossas elites nacionais, supostamente carregadoras do archote da nossa identidade, na realidade oportunistas dos nichos criados por uma terra onde quem tem meio olho é rei. (...) Invoco um certo embaixador de Portugal, que uma vez conheci em ocasião oficial, que tanto se carpia pela qualidade dos portugueses radicados no estrangeiro(...) A cara de choque que o homem fez (não era grande diplomata) quando lhe disse que para mim vergonha era ele, que por dever profissional, se não por mais, devia defender e representar as pessoas que afinal menosprezava, que se não quisesse fazer esse trabalho, então que mudasse de emprego, e que se insistisse em desconsiderar o nível intelectual dos nossos emigrantes já agora mostrasse mais inteligência do que uma cabra tonta. Como é que escumalha desta se acha superior aos emigrantes está para além das minhas capacidades de compreensão. (Magueijo, 2017, pp.234-236).

Entretanto, em variadíssimas passagens do livro, é comprovada a sua inserção na definição literária de farsa, tendo em conta que: “A farsa faz também frequentemente uso da sua potencial possibilidade de subverter a ordem social estabelecida através do mecanismo da sátira. Esta é sempre muito contundente e chega, por vezes, a ser cruel, não raro fazendo uso de uma linguagem grosseira, escatológica e até desbragada e impudica, o que, invariavelmente, gera o cómico e o riso”. (Gonçalves, 2009, p.56). Com efeito, *Olifaque* evidencia laivos de racismo, xenofobia, sexismo e outras formas de preconceito e é marcado por uma certa ingenuidade e bastante ignorância. Outras vezes, há mesmo lugar para algumas considerações “filosóficas” e outras, confirmando o adágio popular que: “de sábio e de louco, todo o português tem um pouco”. Citaremos, a título de exemplo, algumas passagens que consideramos mais ilustrativas:

“Cornadura é o que não falta por essas estritas e casas. Tamém com tanto brasileiro, cauberdiano e o resto das colónias a dar à costa em Teron, não admira, não é? (Magueijo, 2017, p.28),

“(…) é só à pancada que certas gajas estão bem.” (Magueijo, 2017, p.28),

“Entre marido e mulher, ninguém meta a colher” (Magueijo, 2017, p.31)

“Para mim judeu é o que faz judiarias-malvadezas, ruindades (...) afinal o home, que era judeu num fazia judiarias nenhumas e era uma joia de pessoa” (Magueijo, 2017, p.38)

“Mas a imbeja pode ser inda mais perigosa do que cornos ou tesão, é pior que danação ou má rabugem, pode destruir vidas para sempre, inda pior que coração destroçado.” (p.89). “A inveja é como os ciúmes, todos temos, alguns escondem melhor cu joutros”. (Magueijo, 2017, p.92).

“Mas deixem estar que Deus castiga, cá se fazem, cá se pagam, nasceu ao devogado uma filha atrasada mental, que se baba e dá uns uivos que deixam as pessoas todas doidas e a mulher dele fugiu com um preto, nunca mais ninguém a viu.” (Magueijo, 2017, p.114).

“Quem vive cus maricanos fica cum a mania que é maricano, até pretendem que nem falam português, que triste figura, à menos no Canadá deixam-vos ser o que sois. (Magueijo,2017, p.120).

“-Elas querendo, bós num tendes hipóteses: é que ficam mesmo prenhas! E a pôs com a comunhão de bens arrepanham-vos tudo!!!” (Magueijo, 2017, p.135)

“..., mas tive de ir prà uocharuma chorar, que um home num chora ou é paneleiro.” (Magueijo, 2017, p.167)

“É nisto que dá a igualdade entre os sexos, esse tal de fuminismo. (...) elas querem e nós pimba.” (Magueijo, 2017, p.217).

“Terono tem mais de metade das gentes que há em Portugal inteiro, de norte a sul, com as ilhas incluídas, e que, contando com os ilegales, nós os portugueses samos aquase 400 mil (...) As pessoas podem passar anos a viver em Terono sem se verem, mesmo com tanta casa do povo e esportes bares tugas que há por i.” (Magueijo, 2017, p.244).

3 O emigrês-caraterísticas gerais

Segundo o linguísta Mayan Dias, “a divergência entre os vários subdialetos emigreses deve-se naturalmente, não só ao vasto leque linguístico dos países de acolhimento, como também ao afastamento de cada idioma nacional em relação ao português padrão, à duração histórica da presença portuguesa num determinado país e, acima de tudo a experiências de vida criadoras de uma nova realidade psicolinguística. “A diáspora portuguesa estende-se por 18 países de maior concentração, representando cinco zonas linguísticas mais importantes: a inglesa, a francesa, a alemã (com as variantes luxemburguesa e suíça), a espanhola e a holandesa. (Mayone Dias, 1989, p.58). Na perspetiva de análise deste artigo centrar-nos-emos no “portinglês”. Segundo o investigador supracitado, o seu aparecimento pode remontar a 150 anos e “é a mais antiga e ossificada forma de emigrês, com uma gama de fenómenos fonéticos, morfológicos, sintáticos e semânticos só aproximada pelo portufrancês” (Mayone Dias, 1989, p.58).

O leque vocabular do portinglês representa parâmetros vivenciais muito mais latos do que os de qualquer outro dialeto emigrado. A evolução chegou mesmo ao ponto de João Magueijo, na obra *Olifaque*, necessitar de um glossário explicativo, apresentado no final do livro, que funciona como um guia, pois mesmo o leitor que tenha conhecimentos da língua inglesa revelará, pelo menos até se habituar à leitura do mesmo, muitas dificuldades na compreensão de vários vocábulos, tal é o tipo de “aportuguesamento” do inglês ou da miscigenação de palavras inglesas com termos portugueses. A existência de falares híbridos no seio das comunidades emigrantes portuguesas, coletivamente designadas por “emigrês” pelo investigador Mayan Dias, não representa um caso isolado ou insólito. A génese de um dialeto de língua nativa, tal como o que é utilizado na obra *Olifaque*, entre um grupo minoritário onde prevalece outro idioma é um fenómeno universal. No caso dos emigrantes portugueses, referidos na obra, com a exceção da personagem referida como “Doutor”, não se trata apenas de integração noutra ambiente nacional, mas também de uma drástica mudança do meio rural, de onde a maior parte das personagens é oriunda, para o meio urbano, mais especificamente uma das maiores cidades norte americanas, Toronto.

Um segundo aspeto a ter em conta é o maior prestígio do sistema linguístico dominante, o inglês, expoente de uma cultura que o emigrante considera superior àquela que antes conhecia.

A situação de contacto cultural gera uma variante divergente da norma linguística pátria, na medida em que a ela se adiciona um superstrato alheio. O exemplo que mais se poderia aproximar ao emigres de raiz lusa é o do “spanglish”, ou espanhol anglicizado que se tornou moeda corrente entre alguns grupos hispanófilos nos Estados Unidos. (Mayan Dias, 1989, p.76).

Em termos linguísticos, a experiência migratória representa tanto um processo de expansão como de contração vocabular. Por um lado, adquire-se um repositório lexical compatível com as necessidades existenciais, mas, por outro, perde-se muito toda a faixa referente a atividades e costumes de que o falante se vai desvinculando. Segundo o linguista supracitado:

A nativização desenvolve-se num vasto leque de níveis conceptuais e verbais. Na enorme maioria dos casos viabiliza-se por via oral, quando o emigrante (geralmente de reduzidíssima capacidade ou apetência para a leitura) integra no seu inventário lexical, com inevitáveis acerbamentos aos seus hábitos linguísticos, termos escutados à gente do país ou transmitidos por compatriotas. (Mayan Dias, 1989, p.77).

Esta camada vocabular incide primordialmente sobre elementos concretos e quotidianos. De um modo geral, os emigrantes portugueses em zonas anglófonas adquirem um conhecimento pelo menos rudimentarmente funcional da língua do país, através do convívio com empregadores e colegas de trabalho. Como consequência, assimilam ou adaptam uma terminologia relacionada com instrumentos e processos utilizados nas suas ocupações laborais.

Apesar de poderem ocorrer ruras apreciáveis da normatividade morfológica, linguística, sintática e até, em certos casos, fonética, é sobretudo no campo da criação lexical que a interferência linguística mais se faz sentir. Na sua forma, o vocábulo assimilado pode oscilar entre uma pureza relativa e uma forte repadronização. Os substantivos e os verbos são os semantemas adaptados com mais alta recorrência, como teremos oportunidade de enunciar a seguir, porque representam os elementos e ações que maior estranheza causam na nova experiência linguística dos emigrantes e que, portanto, exigem uma verbalização privilegiada. As chamadas “palavras vazias” (pronomes, advérbios, numerais, preposições ou conjunções) revelam-se muito pouco frequentes. Abra-se uma exceção para os bordões linguísticos (interjeições, expressões introdutórias e outras que surgem amiúde no discurso dos emigrantes, como por exemplo: “Oh iá!” - “Oh! Yeah!”, “Olicau!”- “Holy cow!”, “Olichite!”-“Holy shit!”, “Olicrape!”- “Holy crap!”, “Uotafaque?”-“What the fuck?”, “Olifaque?”-“Holy fuck! “Faquiú?”-“Fuck you!”

Ainda, de acordo com aquilo que foi referido anteriormente, as personagens da obra *Olifaque-uma farsa em emigrês* que se dedicam a desempenhar trabalhos braçais, todas com a exceção do “Doutor”, usam recorrentemente termos como: “aletricha”-electrician, “anscruar”-desparafusar, “beicar”-“bake”-cozer pão/bolos, “bisnas”-businesses-negócios, “boss/ bossa”-“boss-patrão/patroa, “brique”- “brick”-tijolo, “briqueleiro”-pedreiro, “butcha”-“butcher”-talhante, “clinar”-“clean”-limpar”, “draivar”-“drive”-conduzir, “êxito”-“exit”-saída, “farmeiro”-“farmer”-agricultor, “foceta”-“faucet”- torneira, “inchurança”-“insurance”-segurança, “licença”-“licence”-carta de condução, “manejo”-“manager”-chefe/patrão, “neilar”-“to nail”-aparafusar, “permuto”-“work permit”-autorização de trabalho, “plama”-“plumber”-canalizador, “retiramento”-“retirement”-canalizador, “rufeiro”- “roofer”-operário especializado em telhados, “silicona”-“silicone”- silicone, “traque”-“truck”-camião.

Vem, depois, outro nível de léxico, relacionado com as exigências do contacto com circuitos de vida diária e os emigrantes mais aculturados e, portanto, mais familiarizados com a vida comunitária do país adotivo alargam o seu léxico “portinglês” a outros setores vivenciais, tais como as convenções e tradições culturais/sociais, a política, a administração pública e a vida académica, como é visível nas seguintes palavras, usadas recorrentemente na obra supracitada: “afordar”-“afford”-suportar, “apontamento”-“appointment”-encontro, “bisnas”-“businesses”-negócio, “baica”-“bike”-bicicleta, “barbacua”-“barbecue”-churrasco, “beicaria”-“bakery”-padaria, “cãocelar-counselor, “casa de bordo”-“boarding house”-estalagem, “cel”-“cellphone”-telemóvel, “colégio”-college-universidade, “condões”-“condomns”-preservativos, “confirmeixa”-“confirmation”-crisma, “dão-tão”-“downtown”-baixa, “drinkar”-“drink”-beber, “esportes bar”-“sports bar”, “estação de polícia”-“police station”-esquadra, “estampas”-stamps, “hora do tráfico”-traffic, “imeile”-e-mail, “jaca”-jacket, “jaula”-jail, “lisa”-leasing, “medecina”-medicine, “meia”-mayor, “móni”-money, “papel”-paper-jornal, “roupa”-rope, “snoua/snouar”-snow, “sopa”-supper, “suar”-to sue, “suportar”-to support, “televeja”-television, “tipa”-tip”-treno”-train, “uebe”-web, “união”-union, “utilidades”-utilities- gás, luz, água), “vaqueixas”-férias, “visque”-whiskey.

Neste livro, além da “língua” predominante que é o “portinglês”, o autor também manifesta o cuidado de grafar a forma de falar de açorianos e de falantes oriundos do norte de Portugal continental, residentes no Canadá, conferindo ainda maior verosimilhança à narrativa. Transcrevemos algumas passagens demonstrativas:

(Açoriano)- “O mê menine Juã, fou o pprimê que vê pra cá. Fechárãam-lhe o negoce da balêaa, iste já vá pra más de cenquente ânes. E o mê pá vê pra cá mute pobre à procure de trabaucie” (Magueijo,2017, p.42) “-Bum dia menine Juã! Nim quêra saber o qu’esses malvadez me fizêrã inda agourinhe mesmo...” (Magueijo,2017, p.56), “Pôsveja lá o menine juã que quande voltê a dar conta dos mê querides becheinhes, já esses malvados mos tinham furtade!” (Magueijo,2017, p.56)

(Nortenho)- “imbez de parar...” (Magueijo,2017, p.47), “até me vêm as lágrimas ò jolhos da ver tão descansada” (Magueijo, 2017, p.52), “há muito janos (...) como à mim”(Magueijo,2017, p.61), “mostrava a todos um sorriso enbergonhado” (Magueijo, 2017, p.67) “o mesmo se pode dizer da joutras

raças”(Magueijo, 2017, p.69), “preguntar a joras....há muito janos...estaba bem.” (Magueijo, 2017, p.89).

Além de todas estas especificidades regionais, o autor ainda evidencia a pouca correção com que se fala o português dito padrão, presente em dezenas de exemplos ao longo da narrativa, nomeadamente nos exemplos que agora citaremos: “ainda lh’hadem fazer falta”(Magueijo, 2017, p.106), “dávamos-le de comer” (Magueijo, 2017, p.107), era meio lento, num raçocinava”(Magueijo, 2017, p.115), “comprámos tramoços e minuins” (Magueijo, 2017, p.119), “era epilétrico” (Magueijo,2017,p.123), “alevanta” (Magueijo, 2017, p.124), “aquele matrimono nunca se consumiu” (Magueijo, 2017, p.151).

4 Considerações Finais

Confrontado com um novo ambiente, o emigrante tem necessariamente de gerar um novo inventário lexical para o tentar conceptualizar. Em grande parte, este vocabulário resulta do encontro com processos e ambientes de trabalho recém-conhecidos ou com formas de vida mais cidadinas. Por outro lado, o uso de um novo nível lexical e até sintático pelo emigrante poderá ilustrar o seu grau de aculturação a uma sociedade que se considera como superior e representa, desta forma, um primeiro passo para uma desejada, embora raramente conseguida tentativa de apropriação cultural. O grau de prestígio de uma língua estrangeira é uma garantia de prestígio para aquele que a usa, mesmo que parcialmente ou muito incorretamente” (Vilhena,1986, p.97). Os puristas da língua, por outro lado, horrorizam-se com aquilo que consideram ser uma “bastardização do português” (Mayan Dias,1989, p.116) e fazem o que podem para o ignorar ou combater, como se um processo linguístico deste tipo fosse passível de controlo através de estruturas académicas. Esta atitude, como o próprio Magueijo expressa na obra estudada é também partilhada por certos setores da emigração, em particular os de uma mais elevada escolaridade.

Também no português padrão dos dois últimos séculos têm sido muito recorrentes vários dos processos assimilatórios utilizados pelo emigrês: adaptação fonológica, morfológica e semântica com ligeiras alterações ou mesmo importação integral dos termos. Veja-se os casos de: “abajour, stress, coffee-break, smoking ou task force”. Também a expressão: “é suposto” seguida de verbo, reflete de modo claro a passiva idiomática *is supposed to*. Fora de qualquer dúvida está o facto de que o homem português residente na pátria atualmente usa no seu discurso diário uma grande quantidade de estrangeirismos. O emigrês atualmente representa uma necessidade absoluta de comunicação, a língua franca que une emigrantes de diferentes dialetismos confrontados uns com os outros e com novos esquemas existenciais, solidificando-se a tal ponto que em falantes com fraca consciência linguística, se pode chegar a perder a noção da estrangeiridade do termo importado. Por outro lado, o emigrês depende inteiramente do condicionalismo das vagas migratórias, já que de modo geral transmite-se pouco por linha biológica, desaparecendo com a segunda ou, quando muito, com a terceira geração e apenas sendo aprendido e ampliado por cada vaga de recém-chegado, como o autor João Magueijo faz questão de enfatizar, usando as palavras do narrador, no capítulo final: “Eu agora já falo um bocado em glês, mas é em português que melhor me entendo, a minha Maria, que foi cá criada fala português cheio de erros, a criação dos putos mais novos, muitos já nem sequer intendem a nossa língua”. (Magueijo, 2017, p.259).

Referências

- Gonçalves (2009). E-dicionário de termos literários. [Cons.on line] 1/9/2021.
- Vilhena, M.C. *O falar do emigrante português em França*. Arquipélago. Vol.III, pp. 95-97.
- Dias Mayone, E. (1989). *Falares emigreses-uma abordagem ao seu estudo*. Lisboa. Biblioteca Breve.
- Magueijo, J. (2017). *Olifaque. Uma farsa em emigrês*. Lisboa. Clube do autor.